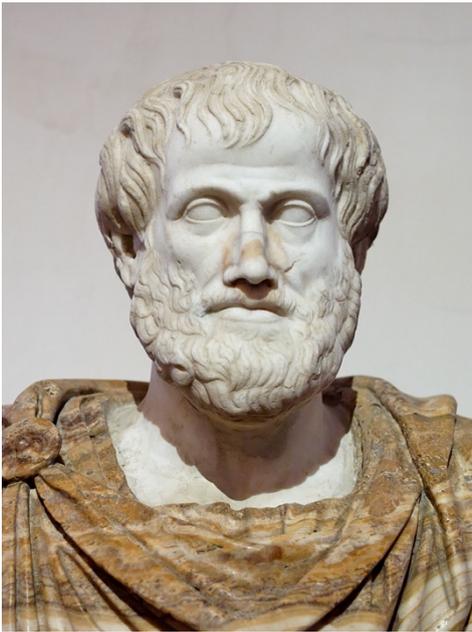


ARISTÓTELES: OS CINCO SENTIDOS E A VEROSSIMILHANÇA NA ARTE



Porque Aristóteles e porque essas passagens específicas



Lísipo cerca de 330 AEC - domínio público

A leitura de Aristóteles, assim como de Platão ou Kant, se faz necessária ao indagar a instituição dos cinco sentidos como dispositivos únicos de ordem perceptivas, que desde o passado se instauraram como filtro principal do processamento do conhecimento do mundo. Ao tentar desconstruir uma ideia é necessário conhecer profundamente seu enraizamento. Na leitura dos textos, citados em seguida, tentou-se captar e identificar passagens significativas em que se fala sobre os cinco sentidos e sua função conhecedora e o tipo de conhecimento que cada um dele é capaz de desenvolver. Os livros investigados e trazidos para abri uma reflexão sobre a "instituição" dos cinco sentidos são *A metafísica* (IV século a.C.) e do *De anima* (IV século a.C.). Ao mesmo tempo se viu a necessidade de colocar algumas passagens da *Arte poética* em que se fala da necessidade de verossimilhança na arte, porque essa necessidade parece se casar com uma ideia de "primado" da visão como órgão de percepção das coisas como elas "realmente" são. Uma hipótese é que os códigos epistemológicos influenciem a forma como se recebe e se cria arte.

Para citar essas notas de estudo use:

[CAPUTO, Irma. Estudo de pesquisa de pós-doutorado "Da escrita para a *phoné*: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos". Supervisão de Paulo Henriques Britto. Fomento Faperj: Rio de Janeiro, 2021].



Attribution-NonComercial, NoDerivatives 4.0 International

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



ARISTÓTELES. *Arte poética*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2011, (IV sec. A.C.).

Importa pois que, como nas demais artes miméticas, a unidade da imitação resulte da unidade do objeto. Pelo que, na fábula que é imitação de uma ação, convém a imitação seja uma e total e que as partes estejam de tal modo entrosadas que baste a supressão ou o deslocamento de uma só, para que o conjunto fique modificado ou confundido, pois os fatos que livremente podemos ajuntar ou não, sem que o assunto fique sensivelmente modificado, não constituem parte integrante do todo. (ARISTÓTELES, 2011, p. 41).

Tanto na representação dos caracteres como no entrosamento dos fatos, é mister ater-se sempre à necessidade e à verossimilhança, de modo que a personagem, em suas palavras e ações, esteja em conformidade com o necessário e verossímil, e que o mesmo aconteça na sucessão dos acontecimentos. (ARISTÓTELES, 2011, p. 58).

Esta bondade é possível em cada classe de pessoa, pois a mulher, do mesmo modo que o escravo, pode possuir esta boa qualidade, embora a mulher seja um ente relativamente inferior e o escravo um ente totalmente vil. O segundo é a conformidade; sem dúvida existem caracteres viris, mas a coragem desta espécie não convém à natureza feminina. (ARISTÓTELES, 2011, p. 58).



ARISTÓTELES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006 [IV seculo a.C.].

Livro III

Capítulo 1

424b22. De que não há outra percepção sensível além das cinco (refiro-me à visão, audição, olfação, gustação e tato), podemos nos convencer a partir do seguinte. Se efetivamente temos percepção sensível de tudo aquilo cujo sentido é o tato (pois todas as afecções do tangível como tangível nos são perceptíveis pelo tato), e se de fato nos faltar alguma percepção sensível, é necessário que nos falte também algum órgão sensorial. (ARISTÓTELES, 2006, p. 103).

426a27. Se a voz é uma certa consonância, e se a voz e a audição em certo sentido são unas [mas, em outro, nem uma e nem o mesmo], e se consonância é uma razão, então há necessidade de que a audição seja também uma certa razão. Por isso, qualquer excesso — ou de agudo, ou de grave — destrói a audição, bem como o excesso nos sabores destrói

a gustação, e, no caso das cores, o demasiado brilhante ou tenebroso destrói a visão, e o odor forte, tanto o doce como o amargo, destrói o olfato; visto que a apercepção sensível é uma certa razão. Por isso, também as coisas, como, por exemplo, o agudo, o doce ou o salgado, que são agradáveis nesse caso. Em geral, o misturado é mais consonância do que o agudo e o grave [e para o tato, o passível de esquentar e o de esfriar]. A percepção sensível é uma razão; e o excessivo ou a desfaz ou a destrói. (ARISTÓTELES, p. 107).

426b8. Cada sentido, portanto, concerne ao objeto perceptível subjacente, subsistindo no órgão sensorial com o órgão sensorial, e discerne as diferenças do objeto perceptível subjacente (por exemplo, a visão discerne o branco e o preto, e a gustação, o doce e o amargo). E da mesma maneira nos outros casos. Já que também discernimos o branco e o doce, e cada objeto perceptível um do outro, por meio do que percebemos que eles diferem? E necessário que seja pela percepção sensível, pois eles são objeto perceptíveis. Pelo que também é claro que a carne não é o órgão sensorial último, pois se fosse, haveria necessidade de que o que discerne discernisse ao ser tocado. (ARISTÓTELES, p. 107).

Capítulo 3

Perceber é como entender

Discernir é tomar conhecimento dos seres p. 109

(...) e o seguinte verso de Homero pretende o mesmo: "pois tal é o intelecto"; pois todos eles supõem que o pensa é tão corpóreo como o perceber e que se percebe e se entende o semelhante pelo semelhante, tal como foi explicado no início do nosso tratado (todavia, seria necessário que eles tratassem, ao mesmo tempo, do enganar-se; pois ele é mais próprio aos animais, e a alma passa a maior parte do tempo nele; (p. 109)



ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduções de Giovanni Reale e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002 (IV século A.C.).

Todos os homens por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações. De fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão. Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimento do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas.

Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas em alguns a sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de recordar. São inteligentes, mas incapazes de aprender, todos os animais incapacitados de ouvir os sons (por exemplo

a abelha e qualquer outro gênero de animais desse tipo); ao contrário, aprendem todos os que, além da memória, possuem também o sentido da audição.

Ora enquanto os outros animais vivem com imagens sensíveis e com recordações, e pouco participa, da experiência, o gênero humano vive também da arte e de raciocínios. Nos homens, a experiência deriva da memória. De fato, muitas recordações do mesmo objeto chegam a constituir uma experiência única. A experiência parece um pouco semelhante à ciência e à arte. Com efeito, os homens adquirem ciência e arte por meio da experiência produz o puro acaso. A arte se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes. (ARISTÓTELES, p. 3)

Ora, em vista da atividade prática, a experiência em nada parece diferir da arte; antes, os empíricos têm mais sucesso do que os que possuem a teoria sem a prática. E a razão disso é a seguinte: a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais; ora, todas as ações e as produções referem-se ao particular. (...)

Por isso consideramos os que têm a direção nas diferentes artes mais dignos de honra e possuidores de maior conhecimento e mais sábios do que os trabalhadores manuais, na medida em que aqueles conhecem as causas das coisas que são feitas; ao contrário, os trabalhadores manuais agem mas sem saber o que fazem, assim como agem alguns dos seres inanimados, por exemplo como o fogo queima: cada um desses seres inanimados agem por certo impulso natural, enquanto os trabalhadores manuais agem por hábito. Por isso consideramos os primeiros mais sábios, não porque capazes de fazer, mas porque possuidores de um saber conceptual e por conhecerem as causas (ARISTÓTELES, p. 5-7)

Paráfrase de Edoardo Lamedica (texto em italiano) - *L'aisthesis di Aristotele. Analisi della teoria della sensazione nel De Anima. Studi Urbinati scienze umane e sociali. Università degli Studi di Urbino. Carlo Bo, 2003.*

Capítulos 5 e 6 do livro II:

A sensação consiste em ser movido (*kineisthai*) e no sofrer (*paschein*) uma ação, já que parece ser uma espécie de alteração (*alloisis tis*). (LAMEDICA, 2003, p. 46, tradução minha).

“a faculdade sensitiva (*aisthetikon*) è em potência (*dynamei*) o que o sensível (*aistheton*) já é no ato (*entelequeia*). Portanto essa sofre (*paschei*), porque não é igual (*ouch moion*) ao objeto, enquanto quando sofreu assemelha e se torna parecida a aquilo” (LAMEDICA, 2003, p. 48, tradução minha).

Irma Caputo
Notas e fichamentos

Irma Caputo - Pós-doutorado 2020/2021 - Faperj /Irma Caputo
Da escrita para a phoné: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos. Supervisor: Paulo Henriques Britto



La filosofia occidentale in 10 libri: La metafisica di Aristotele (BarbaSophia)

https://www.youtube.com/watch?v=qQN9RqS_mLM

PHILOSOPHY – Epistemology: Paradoxes of Perception (Eugen Fischer)

<https://www.youtube.com/watch?v=bs2pTBkJCxQ>